

Análise de Eficácia Comunicacional

Arquivo: braide mandioca.mp4

Tipo: video · **Status:** sintetizado · **Data:** 23/07/2026, 17:09:56

Contexto: autor: Eduardo Braide, ex-prefeito de Sao Luis e pre-candidato ao governo do Maranhão ·
legenda: O almoço de hoje foi com a farinha que eu ajudei a fazer em Sobradinho, em Barreirinhas!

☐☐

#BraidePeloMaranhão · contexto: Braide é o pre-candidato ao governo do maranhao que está na frente das pesquisas. Ele é do PSD mas seu peefil não é ideologico, nao pauta seus conteudos pela polarizacao (direita/esquerda, Lula/Bolsonaro). · plataforma: Instagram · publico_alvo: popula"ão do maranhao

Pacote político (P1–P4): ativo

Síntese executiva

Índice geral: 6.7 / 10

O conteúdo aposta em uma narrativa de pertencimento territorial e prova social, operando na camada de identidade comunitária. A sequência emocional é de tensão leve (pedido de participação, rejeição simulada), validação (aprovação de Francisco) e celebração (orgulho pela farinha de Barreirinhas). Esse arco tenta construir um 'nós' entre o pré-candidato e os produtores locais, usando gatilhos de unidade, autoridade por demonstração e esperança de ganho. A engrenagem gira bem na criação de cenas mentais concretas e na ativação de afeto regional, com lastro real garantido pela nomeação de pessoas e lugares (Isabel, Graziela, Sobradinho), e pelo gesto de trabalhar junto. No entanto, a engrenagem trava em dois pontos: o gancho de atenção é fraco e tardio, com a primeira âncora realmente disruptiva ('DIFERENCIADO') surgindo apenas aos 12.8s, muito além da janela de scroll do mobile; e a energia emocional gerada não encontra escoamento em ação política, pois a peça carece de CTA explícito e de uma promessa de futuro que conecte a farinha local a um projeto de governo. A estrutura geral coloca o emissor como protagonista que valida e celebra, mas não transfere ao público o papel de agente da mudança, deixando o eleitor como espectador passivo de uma história simpática, mas sem munição replicável para o engajamento eleitoral.

Forças

- **Autenticidade por imersão e espelhamento social** — Braide não fala sobre o trabalho, ele o executa, e sua aceitação é validada por um produtor real nomeado, gerando credibilidade por experiência compartilhada.
 - Evidência: [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó."

- **Unidade territorial com lastro concreto** — Repetição de topônimos, nomes próprios e superlativo transforma a farinha em símbolo de identidade local, não apenas de um produto, ativando orgulho e pertencimento genuínos.
 - Evidência: [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!"
- **Sutileza narrativa com priming cromático** — A transição de preto e branco para cores marca simbolicamente a passagem do esforço para a celebração, adicionando uma camada estética que reforça a emoção sem depender de palavras.
 - Evidência: [0:03] "Close-up das mãos descascando mandioca; transição para cores (azul, verde, marrom); interação com Francisco; exibição do saco de farinha"

Fraquezas

- **Loop emocional sem chamada à ação política** — A peça gera orgulho e afeto, mas não oferece ao espectador nenhuma ação concreta (compartilhar, comentar, votar), tornando o conteúdo uma experiência estéril do ponto de vista eleitoral.
 - Evidência: [0:20] "Tá garantido, Graziela! [fim abrupto sem CTA]"
 - Correção sugerida: Inserir nos últimos 3 segundos um CTA transitório como 'Compartilha com quem você quer ver na mesa do Maranhão' ou 'Qual a farinha que tua família usa? Comenta aí' para converter orgulho em engajamento.
- **Centralidade do emissor e ausência do 'eleitor-herói'** — Braide é o agente que pede, valida, celebra e promete, deixando os produtores como coadjuvantes e o público como observador; o índice de 'nós' é nulo e a razão eu/você atinge 99, um padrão oposto ao de campanhas que empoderam.
 - Evidência: [0:09] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO."
 - Correção sugerida: Dar a palavra final a Francisco ou Isabel ('Agora todo mundo vai conhecer nossa farinha') e encerrar com um convite ao público co-criar a narrativa ('Marca aí o produtor da tua região') para reposicionar o eleitor como protagonista.
- **Falta de ponte entre a celebração local e a promessa de governo** — O conteúdo celebra o produto, mas não diz como um eventual governo Braide melhorará a vida de produtores como Francisco, deixando o voto sem ancoragem racional ou aspiracional direta.
 - Evidência: [0:18] "da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!"
 - Correção sugerida: Após o clímax emocional, inserir uma frase que conecte a experiência ao futuro coletivo: 'É esse trabalho que vamos apoiar em todo o estado, com crédito, estrada e mercado garantido'.

O que este conteúdo ensina

- **Validação por terceiro com lastro real** — Braide não se autoproclama competente; ele se submete ao julgamento de Francisco, que o aprova, disparando prova social forte e confiável. (Prova social de terceiro)
- **Priming simbólico para mudança de estado emocional** — A transição de preto e branco para cores funciona como âncora visual de transformação, sinalizando passagem do esforço à

celebração sem precisar de texto explícito. (Priming cromático)

- **Necessidade de converter emoção em ação mensurável** — A peça falha ao não incluir um CTA, deixando o forte engajamento emocional sem direção; a ausência do CTA transforma o conteúdo em entretenimento, não em ferramenta de mobilização. (CTA transitório)
- **O eleitor deve ser o herói, não o espectador** — A peça coloca o político no centro da ação, com o 'eu' dominando o discurso; a ausência do 'você' e do 'nós' impede que o eleitor se veja como agente da mudança proposta. (Eleitor-herói / protagonismo do cidadão)
- **Promessa política nomeada como fechamento de sentido** — A celebração não se converte em promessa de governo, deixando a peça desprovida de munição para o debate eleitoral; a lacuna ensina que toda peça de campanha deve responder ao 'por que votar'. (Promessa de governo concreta)

Coerência entre lentes: Há desalinhamento entre o alto desempenho nas lentes de emoção e pertencimento (n5, n7, n8 com nota 8) e o baixo rendimento nas lentes de captura e estrutura decisória (n1, n4 com notas 6 e 7), indicando que o conteúdo retém bem quem já parou, mas é pouco eficaz em interromper o scroll e em levar à conversão eleitoral; isso sugere uma peça de manutenção de imagem, não de conquista ou mobilização.

Notas por lente

Lente	Nota
N1 — Abertura & Captura	6/10
N10 — Mensagem & Proposta	5/10
N2 — Arquitetura Narrativa	6/10
N3 — Retenção & Ritmo	6/10
N4 — Emoção & Cérebro Primitivo	7/10
N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva	8/10
N6 — Identidade & Tribo	6/10
N7 — Validação & Posição Relacional	8/10
N8 — Clareza & Carga Cognitiva	8/10
N9 — Formato & Plataforma	7/10
P1 — Tipo de Voto Alvo	7/10
P2 — Quem Bate, Perde	5/10
P3 — Performance de Debate	7/10
P4 — Eleitor-Herói	4/10

N1 — Abertura & Captura — nota 6/10

A abertura desta peça funciona como um rompimento suave do estado automático de rolagem, mas não como disrupção cognitiva forte. Nos primeiros 3 segundos, o espectador vê um homem descascando mandioca em preto e branco — uma imagem que demanda reconhecimento contextual para gerar interesse. A pergunta 'Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?' (0.69s–2.22s) é o primeiro chamariz verbal, mas opera em registro baixo: é uma pergunta cotidiana, sem ameaça, novidade radical ou apelo sensorial imediato. A resposta 'Aí não' (2.22s–2.65s) cria uma micro-tensão, mas ela se dissolve rapidamente na sequência 'Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó' (2.65s–5.74s), que sinaliza resolução positiva. Em 5 segundos, um espectador distraído entende que se trata de trabalho manual rural com aprovação implícita, mas não há urgência ou promessa clara de benefício pessoal — o conteúdo oferecido permanece opaco.

A transição cromática (preto-e-branco para cores em 3.9s) funciona como priming visual que marca a passagem de 'processo' para 'resultado', mas essa mudança é sutil demais para interromper scroll em massa. O verdadeiro gancho verbal chega aos 9.09s–12.8s: 'Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO', com a palavra-chave em maiúsculas. Este é o ponto em que a abertura se reconecta à proposta central — mas ocorre 9 segundos após o início, bem além da janela crítica de captura (primeiros 3s). A associação plantada pela abertura é 'participação em trabalho manual rural + aprovação de terceiro', que prepara o terreno para um apelo de autenticidade e pertencimento territorial, não para urgência de ação.

O estímulo pessoal é moderado. A peça fala com o espectador de forma indireta: menciona nomes específicos (Francisco, Isabel, Graziela), usa regionalismo ('meu amigo', 'ó aí, ó'), mas não constrói um 'você' direto até a legenda ('O almoço de hoje foi com a farinha que eu ajudei a fazer'). O 'eu' domina a narrativa (razão eu/você de 99), o que é coerente com um pré-candidato que busca visibilidade pessoal, mas reduz o senso de inclusão do espectador. A informação mais impactante — que se trata de um produto local de qualidade superior — é postergada até 12.8s, quando a maioria dos espectadores em scroll rápido já terá passado.

A intensidade inicial é morna. A abertura promete 'participação em processo de trabalho' e 'aprovação de terceiro', mas não ativa dor, risco, medo ou promessa de ganho imediato. A música animada em volume baixo (0–0.69s) fornece apenas contexto sonoro, não punch. Quando a música sobe em volume (5.74s–7.4s), coincide com a aprovação verbal, criando um pico emocional, mas esse pico chega tarde demais para funcionar como interruptor de scroll. A coerência entre abertura e fechamento é forte: a peça começa com trabalho manual, valida qualidade, celebra com comunidade e oferece o resultado — uma jornada narrativa completa. Porém, essa coerência é interna; ela não prepara o espectador externo para entender por que deveria parar de rolar.

O risco de evasão imediata é alto. Um espectador em scroll vê 3 segundos de imagem em preto-e-branco com uma pergunta cotidiana e nenhum símbolo visual de urgência (sem ameaça, sem número, sem promessa de transformação). A cor cinzenta, o cenário rústico e a linguagem coloquial

podem ativar reconhecimento em público local (população do Maranhão), mas não geram curiosidade universal. A peça é otimizada para retenção de público já alinhado (base territorial, simpatizantes de Braide), não para captura de atenção fria.

Para reestruturação prioritária: (1) Antecipar o gancho verbal 'DIFERENCIADO' ou um equivalente de alto impacto para os primeiros 2 segundos, substituindo a pergunta cotidiana por uma afirmação provocativa ('Você sabe qual é a melhor farinha do Maranhão?' ou 'Tem coisa que só quem trabalha na roça sabe fazer'). (2) Manter a transição cromática, mas sincronizá-la com o pico emocional (música alta + aprovação verbal) para reforçar o momento de captura. (3) Inserir um elemento visual de disrupção nos primeiros 3s — um close-up das mãos trabalhando com textura/movimento rápido, ou um corte para o saco de farinha com o polegar para cima, reduzindo a distância entre abertura e proposta central. Assim, a peça manteria sua coerência narrativa e seu apelo territorial, mas capturaria atenção antes da evasão.

Dimensões: D1: 2.5/5 · D2: 2.5/5 · D3: 3/5 · D4: 2/5 · D5: 3.5/5

Penalidades: Introdução contextual (descascar mandioca) antes do ponto central (farinha diferenciada) — clichê de 'dia na vida' que adia o gancho em ~9 segundos; Pergunta retórica de baixa tensão ('Tem uma vaga pra mim aí?') sem ameaça ou promessa clara — não funciona como chamariz de parada; Distância excessiva entre abertura (0–3s) e primeiro argumento de impacto (9s+) — viola janela crítica de captura em plataforma de scroll rápido

Evidências:

- [0:00] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?" — Primeiro chamariz verbal, mas opera em registro cotidiano sem ameaça ou novidade — não interrompe scroll automático
- [0:03] "Transição de preto-e-branco para cores (close-up das mãos descascando mandioca)" — Priming cromático que marca passagem de processo para resultado, mas é sutil demais e chega cedo demais para funcionar como captura de atenção
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO." — Verdadeiro gancho verbal com superlativo e maiúscula, mas postergado 9+ segundos — além da janela crítica de interrupção
- [0:05] "Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. [música sobe] Tá aprovado? Aprovado." — Pico emocional (música alta + aprovação) coincide com validação de terceiro, mas chega tarde demais para reter espectador em scroll inicial
- [0:18] "da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Superlativo e nomeação pessoal ativam orgulho territorial e prova social, mas ocorrem no terço final — público já filtrado

Sugestão: Antecipar o gancho 'DIFERENCIADO' ou equivalente para 0–2s com uma afirmação provocativa ('Tem coisa que só quem trabalha na roça sabe fazer' ou visual de close-up das mãos com movimento rápido + música alta). Sincronizar a transição cromática com o pico emocional (aprovação verbal + música) para reforçar captura. Reduzir a distância entre abertura e proposta central de 9s para ≤3s, mantendo a narrativa territorial e a coerência interna.

N10 — Mensagem & Proposta — nota 5/10

A peça constrói uma mensagem central identificável, mas incompleta e mal ancorada em proposta. A frase-síntese seria: 'Braide trabalha com o povo na produção local e garante qualidade' — porém essa promessa não se traduz em ação política concreta, apenas em participação simbólica. O vídeo funciona como narrativa de proximidade territorial e validação de produto artesanal, mas falha em transformar essa proximidade em munção replicável sobre governança.

A dor/necessidade que ancora a peça é real: população rural do Maranhão (Barreirinhas, Sobradinho) enfrenta invisibilidade econômica e desconfiança sobre qualidade de produtos locais. O vídeo responde a isso mostrando um ex-prefeito e pré-candidato descascando mandioca ao lado de Francisco e Isabel, nomeando-os, elogiando a farinha como 'MELHOR' (timestamp 15.22–18.99) e declarando 'Tá garantido, Graziela!' (20.39). Essa ancoragem é concreta e sensorial — o público vê trabalho manual, chão de terra, cascas de mandioca, saco de farinha — mas permanece no nível da celebração do produto, não da promessa política.

A repetição estratégica existe, mas é fraca. A promessa central ('farinha de qualidade de Barreirinhas') aparece em três momentos: (1) 'Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó' (5.74), validação de qualidade; (2) 'Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO' (12.8), diferenciação do produto; (3) 'a MELHOR farinha de Barreirinhas' (18.99), superlativo. Porém, a promessa não é sobre ação futura do candidato — é sobre o produto em si. Não há repetição de um compromisso político ('vou fazer X para produtores locais', 'vou expandir mercado para farinha de Barreirinhas'). A legenda reforça apenas 'eu ajudei a fazer', passado, sem projeção.

A completude da proposta é deficiente. O vídeo diz o quê (farinha de qualidade), mostra como (trabalho manual artesanal), mas não oferece com que recursos o candidato vai ampliar isso ou protegê-lo. Não há menção a políticas de escoamento, certificação, subsídio, ou acesso a mercados. O escopo é compatível com o cargo de governador (políticas agrícolas, apoio a pequenos produtores), mas a promessa fica no nível da validação pessoal, não da estrutura. Isso viola o teste do incumbente: Braide foi prefeito de São Luís; se agora promete 'qualidade garantida' de farinha local, por que não fez isso antes? A peça não responde.

O argumento replicável é fraco. A frase-síntese 'Ó aí, ó' (repetida em 0.69, 2.65, 3.44, 20.39) é memorável e marca de oralidade regional, mas não carrega proposição política. O espectador sai com a imagem de um político descascando mandioca e elogiando produtores locais, não com um argumento que possa repetir no bar sobre o que Braide vai fazer pelos produtores. A narrativa é de pertencimento territorial e celebração, não de munção política.

O equilíbrio diagnóstico/solução é desequilibrado para a celebração. Há denúncia implícita (invisibilidade de produtores locais, desconfiança sobre qualidade), mas a solução oferecida é apenas simbólica: 'vou participar, vou validar, vou comer seu almoço'. Não há solução estrutural. Isso torna a peça eficaz como conteúdo de engajamento comunitário, mas frágil como comunicação política.

Os gatilhos ativados são fortes: similaridade (Braide no trabalho manual), reciprocidade (oferece almoço após participar), prova social (Francisco aprova), unidade territorial (repetição de 'Barreirinhas', nomes locais), orgulho (superlativo 'MELHOR'), geografia persuasiva (cenário autêntico de galpão rústico). Esses gatilhos funcionam bem para mobilizar afeto e pertencimento, mas não constroem argumento político transferível.

A razão eu/você é 99:0 — o discurso é centrado no 'eu' (Braide participa, Braide valida, Braide come), com zero direcionamento ao 'você' (público). Não há pedido, não há CTA direto. Há apenas 'Vou botar no moio, meu amigo' (26.63), que é promessa de ação pessoal, não mobilização do público. Para conteúdo de Instagram de pré-candidato, isso é um vazio estratégico: não há convite ao engajamento, compartilhamento ou voto.

A peça é eficaz como storytelling de proximidade, mas ineficaz como comunicação política. Para virar munição replicável, precisaria: (1) transformar a validação de produto em promessa política nomeada ('vou criar fundo de escoamento para farinha de Barreirinhas', 'vou certificar produtores locais'); (2) repetir essa promessa em posição de fechamento, não apenas a celebração; (3) adicionar CTA claro ('compartilha essa farinha com quem você conhece', 'vote em quem acredita no trabalho de vocês'); (4) responder ao teste do incumbente ('quando era prefeito, comecei isso; agora vou escalar para todo o Maranhão'). Sem isso, a peça permanece no registro de 'conteúdo amigável', não de 'promessa política'.

Dimensões: D1: 3.5/5 · D2: 4/5 · D3: 2/5 · D4: 2.5/5 · D5: 2.5/5

Penalidades: Promessa fora do escopo político: peça valida produto, não oferece ação de governo (−0,5); Teste do incumbente violado: ex-prefeito não explica por que não fez isso antes (−0,5); Argumento não replicável: espectador sai com imagem, não com proposição transferível (−0,5)

Evidências:

- [0:05] "Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó." — Primeira validação de qualidade, mas sem ancoragem em ação futura do candidato — fica no nível da celebração pessoal
- [0:18] "da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Superlativo e nomeação local ativam orgulho e unidade territorial, mas não constroem promessa política transferível
- [0:20] "Tá garantido, Graziela!" — Promessa de garantia, mas sobre o quê? Sobre a farinha de hoje, não sobre política futura de acesso ou proteção de produtores
- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo!" — Única promessa de ação, mas é pessoal (vou usar a farinha), não política ou mobilizadora do público
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO." — Diferenciação do produto, mas sem explicação de por que é diferenciado ou como será mantido/expandido

Sugestão: Transformar o fechamento (a partir de 18.99) em promessa política nomeada: após elogiar a farinha, adicionar frase como 'e quando eu for governador, vou levar essa farinha para mesa de todo maranhonense — com certificação, com mercado garantido, com preço justo'. Repetir essa promessa em posição de CTA (antes do 'Valeu!'). Isso converteria a celebração em munição replicável e responderia ao teste do incumbente.

N2 — Arquitetura Narrativa — nota 6/10

Este vídeo constrói uma narrativa de participação comunitária e validação de qualidade que opera em três movimentos narrativos sucessivos, cada um ativando gatilhos diferentes mas convergentes para um único desejo do público-alvo: reconhecimento de que o emissor (Braide) pertence à comunidade local e trabalha em seu benefício. O primeiro movimento (0–8s) encena um diálogo de negociação: o emissor pede 'vaga' no trabalho de descascar mandioca, é recusado ('Aí não'), mas depois apresenta resultado ('vê a nota aí, ó') que recebe aprovação de Francisco, produtor local nomeado. Este segmento funciona como prova de competência e aceitação comunitária — não é o emissor validando o produtor, mas o produtor validando o emissor. O segundo movimento (9–21s) pivota para celebração: o almoço 'diferenciado' é anunciado com superlativo ('MELHOR farinha de Barreirinhas'), e o emissor nomeia explicitamente Francisco e Isabel, criando identidade territorial e família simbólica. O terceiro movimento (21–27s) encerra com abraço e promessa de ação ('Vou botar no moio'), fechando o arco em camaradagem. A fórmula narrativa que opera é atenção → decisão, mas truncada: há arco de conflito (recusa inicial) e resolução (aprovação), mas nenhuma transformação perceptível do público nem visão de futuro específica além da promessa transitória de uso. O público não é convidado a fazer nada além de consumir a imagem de pertencimento do emissor — não há CTA direto, nem loop de curiosidade, nem chamada à ação clara. O papel do emissor é ambíguo: ele se posiciona como guia (demonstra empatia ao participar do trabalho, mostra autoridade ao validar a qualidade), mas simultaneamente ocupa o centro da narrativa visual e verbal — é seu rosto, sua voz, sua aprovação que importa. Francisco e Isabel são personagens secundários, nomeados mas não falantes (apenas Francisco fala uma frase). O vilão está ausente: não há problema a resolver, apenas celebração de solução já existente. A transformação é zero — o vídeo começa com trabalho manual e termina com trabalho manual celebrado, sem mudança de estado. O que o conteúdo oferece ao público vestir é uma identidade aspiracional de 'pertencimento local validado por figura pública', mas isso é oferecido ao público de forma passiva: eles observam Braide sendo validado, não são convidados a participar ou transformar-se. A estrutura visual reforça isso: preto-e-branco (passado/tradição) transita para cores (presente), mas a câmera permanece estática, o espaço não muda, apenas a iluminação e a presença de mais pessoas. A linguagem é altamente concreta (mandioca, farinha, galpão, nomes reais), o que gera imagem mental forte e reduz distância psicológica com o público maranhense — isso é um acerto. O bordão 'Ó aí, ó' (repetido 4 vezes) funciona como marca de oralidade regional e memorabilidade. A razão eu/você é 99:1, indicando que o discurso é sobre o emissor, não direcionado ao público. Não há construção de 'nós' (índice 0), apenas de 'eu participo, eu valido, eu celebro'. Para um pré-candidato em contexto de campanha eleitoral informal (Instagram, público-alvo população do Maranhão), isso é parcialmente adequado — demonstra proximidade e autenticidade — mas deixa vazio o espaço de mobilização. O público sai da peça sabendo que Braide trabalha com comunidades locais, mas não sabendo o que fazer com essa informação além de votar nele. A sugestão de reestruturação seria: (1) inserir um segundo personagem falante (Isabel ou Graziela) que valide não apenas o produto, mas a ação do emissor ('Braide, você ajudou a gente aqui'), criando prova social de terceiro com lastro real; (2) adicionar um CTA transitório claro no final ('Compartilha aí se você também acredita no trabalho local' ou 'Vem conhecer Sobradinho comigo'), transformando observação em engajamento; (3) nomear explicitamente o problema que a farinha

local resolve ('Antes a gente comprava de fora, agora temos a nossa'), criando camada interna (sentimento de autonomia) e filosófica (princípio de valorização local) do problema.

Dimensões: D1: 3/5 · D2: 2.5/5 · D3: 1/5 · D4: 2/5 · D5: 4/5

Penalidades: Fórmula narrativa truncada: há arco de conflito-resolução, mas sem transformação do público ou visão de futuro específica (−0,5); Papel do emissor ambíguo: simultaneamente guia (empatia + autoridade) e herói de si mesmo (centro visual/verbal), competindo com público pelo protagonismo (−0,5); Vilão ausente e problema não nomeado: celebra solução sem explicitar problema externo, interno ou filosófico (−0,5); Nenhum CTA detectado: promessas ('Vou botar no moio') são transitórias e não mobilizam ação do público (−0,5); Razão eu/você 99:1 com densidade de 'você' = 0: discurso não direcionado ao público, apenas sobre o emissor (−0,5)

Evidências:

- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. Tá aprovado? Aprovado." — Estrutura de conflito-resolução: recusa inicial seguida de validação por terceiro (Francisco), posicionando o emissor como competente e aceito pela comunidade, não como autoridade que valida.
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Ativação de gatilhos de território (repetição de 'Barreirinhas', nomes locais), orgulho (superlativo 'MELHOR') e família simbólica, mas sem nomear o problema que a farinha resolve ou o princípio por trás da celebração.
- [0:00] "Cenário: galpão rústico com teto de palha, chão de terra batida, mandiocas e cascas no chão, vestuário simples (camiseta, bermuda, boné) — preto-e-branco nas primeiras cenas, transição para cores." — Priming cromático e geografia persuasiva: preto-e-branco (tradição/passado) → cores (presente/vida) marca transição, mas câmera estática e espaço imutável indicam ausência de transformação perceptível.
- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo! [abraço com Francisco]" — Promessa transitória sem CTA claro: ação do emissor ('vou botar'), não convite ao público para agir. Encerramento em camaradagem, mas sem mobilização de engajamento ou compartilhamento.
- [0:15] "Saco de farinha (produto) co-presente com locutor_1 (figura pública), locutor_2 (Francisco, produtor local), mulher (Isabel, produtora); polegar para cima; música em volume alto." — Justaposição de autoridade política, produtores locais e símbolo de aprovação cria valência positiva composta, mas Francisco e Isabel permanecem personagens secundários, não falantes — prova social de terceiro é fraca.

Sugestão: Inserir fala de Isabel ou Graziela validando explicitamente a ação do emissor ('Braide, você ajudou a gente aqui a produzir melhor'), criando prova social de terceiro com lastro real; nomear o problema filosófico ('Antes a gente comprava farinha de fora, agora temos a nossa, que é melhor') para ativar camadas internas e de princípio; adicionar CTA transitório claro no final ('Compartilha aí se você também acredita no trabalho local' ou 'Vem conhecer Sobradinho comigo'), transformando observação passiva em engajamento ativo.

N3 — Retenção & Ritmo — nota 6/10

O vídeo constrói uma narrativa de proximidade e autenticidade territorial que funciona bem para o público-alvo maranhense, mas falha em sustentar a atenção até o final por falta de tensão narrativa clara e ausência de um propósito de ação explícito. A peça abre com um gancho conversacional ('Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?') que promete um conflito — a recusa inicial ('Aí não') — mas fecha esse loop muito rapidamente (em 3.44s) sem deixar espaço para curiosidade. O espectador já sabe, aos 8 segundos, que o resultado será positivo ('Aprovado'), e a partir daí a narrativa se torna principalmente expositiva: o emissor apresenta o produto (farinha), nomeia os produtores locais (Francisco, Isabel) e declara sua qualidade ('MELHOR farinha de Barreirinhas'). Não há renovação de estímulo que justifique continuar assistindo — o que segue é confirmação do que já foi dito. O ritmo de cortes (11.25 cortes/min) é adequado para conteúdo nativo, mas as cenas longas (a mais longa dura 9.57s, entre 15.2 e 24.77) funcionam como vales de atenção: o espectador já absorveu a mensagem e a câmera estática no galpão, com o saco de farinha em exibição, não oferece novidade visual ou narrativa. A transição cromática (preto-e-branco para cores) é um mecanismo inteligente de priming, mas ocorre muito cedo (3.9s) e não é reforçada por mudança de significado — continua sendo o mesmo galpão, o mesmo trabalho. O payoff esperado seria uma ação clara do espectador (compartilhar, procurar o produto, votar em Braide), mas o vídeo oferece apenas promessas vagas ('Vou botar no moio, meu amigo!') que não se conectam a um benefício tangível para quem assiste. A legenda ('O almoço de hoje foi com a farinha que eu ajudei a fazer') reforça a narrativa de participação, mas não cria razão para o espectador agir agora. Os gatilhos de persuasão estão presentes e bem ativados (18 categorias identificadas, com intensidades 2-3): similaridade (vestuário rural, linguagem regional), reciprocidade (oferecimento do produto), prova social (aprovação de Francisco), unidade territorial (repetição de 'Barreirinhas', nomes locais), orgulho (superlativo 'MELHOR', expressão facial entusiasmada). Porém, esses gatilhos funcionam como reforço de uma mensagem já clara, não como motores de progressão. O bordão 'Ó aí, ó' (repetido 4 vezes) é memorável e marca de oralidade regional, mas sua repetição não renova curiosidade — apenas confirma tom. A ausência de números específicos, CTAs diretos e loops abertos deixa o conteúdo sem 'ganchos de volta': o espectador não sente que algo fica em aberto, que há razão para comentar, compartilhar ou retornar. Para o público-alvo maranhense, especialmente em contexto pré-eleitoral, a peça funciona como reforço de imagem (Braide como figura próxima, envolvida em produção local, sem postura de elite) e como validação de produto regional. Mas como conteúdo de retenção pura, ela achata no meio (entre 9s e 24s) porque não renova o motivo de continuar. A sugestão de reestruturação seria introduzir um segundo conflito ou revelação entre 12-18s — por exemplo, uma dúvida sobre a qualidade da farinha que é resolvida por um teste visual ou depoimento adicional — que mantivesse a tensão até o payoff final (a oferta ou ação esperada). Alternativamente, transformar o final em um CTA claro ('Procura a farinha do Francisco em Sobradinho' ou 'Compartilha esse apoio à produção local') que dê ao espectador uma razão concreta para agir.

Dimensões: D5_memorabilidade: 3.5/5 · D1_tensao_continua: 3/5 · D4_contraste_apostas: 3/5 · D2_renovacao_estimulo: 2.5/5 · D3_concretude_imagetica: 4.5/5

Penalidades: Loop aberto (pergunta 'Tem uma vaga?') fechado muito cedo (3.44s) sem renovação de curiosidade; promessa de conflito não sustentada; Meio do conteúdo (9-24s) vira exposição em bloco: apresentação de produto + nomes + qualidade, sem novo estímulo narrativo; Ausência de CTA direto ou transitório claro; promessas ('Vou botar no moio') desconectadas de ação esperada do espectador; Cena mais longa (9.57s) em cenário estático com câmera imóvel funciona como vale de atenção, não pico

Evidências:

- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Ó aí, ó." — Gancho conversacional que promete conflito, mas fecha em 3.44s sem deixar espaço para curiosidade; o espectador já sabe que será resolvido positivamente
- [0:08] "Aprovado." — Payoff do primeiro loop, mas ocorre muito cedo (8s); após isso, não há novo motivo narrativo para continuar, apenas confirmação expositiva
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Bloco expositivo (6.19s contínuos) que apresenta produto, nomes e qualidade sem renovação de estímulo; câmera estática, sem cortes internos, cria sensação de pausa narrativa
- [0:15] "Cena 5: plano geral, 9.57s de duração, câmera estática, saco de farinha em exibição, homens e mulher no galpão" — Vale de atenção: cenário já conhecido, ação visual mínima, sem progressão; espectador já absorveu mensagem e não há razão para continuar engajado
- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo!" — Promessa vaga sem conexão a ação esperada do espectador; não funciona como CTA porque não oferece benefício tangível ou razão para compartilhar/agir
- [0:00] "Preto-e-branco (0-3.9s) → cores (3.9s+); transição cromática marca mudança de tom" — Priming visual inteligente, mas ocorre muito cedo e não é reforçado por mudança narrativa; continua sendo o mesmo galpão, mesmo trabalho

Sugestão: Introduzir um segundo conflito ou revelação entre 12-18s (ex.: dúvida sobre qualidade resolvida por teste visual ou depoimento de cliente) para manter tensão até o final. Alternativamente, transformar o encerramento em CTA explícito ('Procura a farinha do Francisco em Sobradinho' ou 'Compartilha esse apoio') que dê ao espectador razão concreta para agir e que conecte a narrativa de proximidade territorial a um benefício de ação imediata.

N4 — Emoção & Cérebro Primitivo — nota 7/10

O vídeo constrói uma narrativa de proximidade territorial e validação comunitária que fala diretamente ao decisor instintivo do eleitor maranhense rural e periurbano. A assinatura emocional é consistentemente positiva, mas com uma curva que merecia mais tensão para ativar urgência decisória. Nos primeiros 3,4 segundos, há uma sequência de preto-e-branco que funciona como priming cromático: o passado/tradição (trabalho manual, raízes) em tons neutros. O diálogo inicial ('Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? / Aí não. / Ó aí, ó.') dispara uma micro-emoção de rejeição seguida imediatamente por reabilitação ('Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó'), criando um padrão de vulnerabilidade → validação que ressoa com a experiência vivida do público-alvo. Essa

sequência é crucial: não é apenas informação, é uma cena mental concreta onde o espectador se vê refletido (tentativa, recusa, prova de competência apesar do tempo). A transição para cores (3,9s) marca a passagem do trabalho árduo para a celebração, e a música animada em volume alto (5,74–7,4s) amplifica a valência positiva no momento exato da aprovação verbal de Francisco. Isso é calibragem emocional competente: tensão baixa, mas presente; alívio imediato; recompensa social (aprovação de terceiro). A partir dos 9,09s, o discurso pivota para a oferta ('Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO'), e aqui ocorre a ativação de três gatilhos simultâneos: (1) esperança de ganho (almoço diferenciado), (2) território (repetição de 'Barreirinhas'), (3) personalização por nomes (Francisco, Isabel, Graziela). O superlativo 'MELHOR farinha de Barreirinhas' (18,99s) não é abstrato—é uma afirmação concreta, visualizável, ancorada em pessoas reais que o espectador pode conhecer ou reconhecer como seus pares. A linguagem é altamente concreta: 'descascando mandioca', 'saco de farinha', 'moio' (recipiente tradicional). Não há abstrações políticas ('desenvolvimento', 'transparência', 'gestão pública'). O direcionamento pessoal, porém, é fraco. O vídeo fala sobre o que Braide fez e oferece, não sobre o que o espectador pode fazer ou ganhar. Não há CTA direto ('compartilhe', 'vote', 'compre'). As frases finais ('Tá garantido, Graziela! / Valeu! / Vou botar no moio, meu amigo!') são promessas de ação do emissor, não convites ao receptor. Isso deixa a peça em um estado de 'admiração' sem 'mobilização'. O medo ou urgência estão completamente ausentes—não há ameaça, não há 'se não fizer isso, vai perder'. Isso é coerente com o perfil declarado de Braide (não ideológico, não polarizado), mas reduz a força decisória. A memorabilidade estrutural é forte no início ('Ó aí, ó' repetido 4 vezes funciona como bordão fixador) e no meio (superlativo 'MELHOR'), mas o final é neutro: 'Vou botar no moio, meu amigo' é uma ação cotidiana, não uma frase de fechamento que deixa marca. O contraste decisório é mínimo: não há dicotomia clara entre duas opções que force escolha rápida. Há apenas celebração de uma única coisa (a farinha, o trabalho local). Para o público-alvo (população maranhense, especialmente rural), isso funciona como reforço de pertencimento e validação de identidade local, mas não como gatilho de ação política imediata. A justaposição de Braide (figura pública, ex-prefeito) com Francisco e Isabel (produtores locais nomeados) e o saco de farinha cria uma valência composta positiva: 'autoridade reconhece e celebra o trabalho de vocês'. Isso é prova social de alta qualidade, mas novamente é passiva—o espectador observa a validação, não a realiza. A congruência entre expressão facial (sorriso frequente, entusiasmo, polegar para cima) e conteúdo falado é perfeita, o que reforça autenticidade emocional. O cenário rústico (galpão com teto de palha, chão de terra batida, mandiocas no chão) funciona como âncora de autenticidade: não é estúdio, é vida real. Isso ativa similaridade (o emissor está no mesmo espaço que o público-alvo) e geografia persuasiva (o lugar é reconhecível, é 'daqui'). A curva emocional geral é: alegria baixa (0–3,4s, preto-e-branco) → tensão micro (2,22–2,65s, rejeição) → alívio e alegria (3,44–8,17s, aprovação) → alegria sustentada alta (9,09–27,23s, celebração e oferta). Não há picos de indignação, medo ou surpresa—é uma trajetória de emoção positiva com um pequeno vale de vulnerabilidade no meio. Isso é seguro, mas pouco memorável. A linguagem é acessível (Flesch 91,8 = leitura muito fácil), as frases são curtas (média 5,4 palavras), e não há jargão político-burocrático. O discurso é centrado no 'eu' (razão eu/você = 99), o que significa que Braide fala sobre si mesmo e suas ações, não sobre o que o eleitor pode fazer. Isso é coerente com um conteúdo de 'demonstração de proximidade' (objetivo implícito), mas reduz a força de mobilização. A sugestão de reestruturação seria: (1) adicionar um momento de micro-tensão maior no meio (ex.: 'Muita gente

disse que não dava pra fazer farinha de qualidade aqui em Barreirinhas, mas vê só...'), criando uma dicotomia 'ceticismo vs. prova'; (2) fechar com uma frase que convida o espectador a participar ('Vem provar? Vem conhecer?'), transformando observação em ação; (3) inserir um CTA visual (texto de tela tipo 'Compartilhe com quem você ama' ou 'Marque um amigo que merecia estar aqui') nos últimos 3 segundos, aproveitando o pico de alegria final.

Dimensões: D3_concretude_cenas: 5/5 · D1_ativacao_variacao: 4/5 · D5_contraste_decisorio: 2/5 · D4_direcionamento_pessoal: 2/5 · D2_medo_urgencia_calibrada: 1/5 · D6_memorabilidade_estrutural: 4/5

Penalidades: Ausência de CTA direto (-0,5): nenhuma chamada à ação explícita; promessas são do emissor, não convites ao receptor.; Direcionamento centrado no 'eu' (-0,5): razão eu/você = 99; discurso fala sobre Braide e suas ações, não sobre implicação direta do espectador.; Falta de urgência emocional (-0,5): nenhum medo calibrado, nenhuma ameaça de perda, nenhuma dicotomia que force decisão rápida; apenas celebração passiva.

Evidências:

- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Ó aí, ó." — Sequência de vulnerabilidade (rejeição) → validação (prova de competência) que cria cena mental concreta e ressoa com experiência vivida do público-alvo rural; dispara micro-tensão seguida de alívio.
- [0:05] "Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó." — Estrutura de concessão + justificativa que valida qualidade apesar de tempo; ancorada em prova visual (close-up das mãos, saco de farinha); ativa esperança de ganho sem abstrações.
- [0:18] "da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Superlativo concreto + nomes próprios (Isabel, Francisco, Graziela) + território (Barreirinhas repetido 3 vezes); ativa simultaneamente prova social (validação de terceiros), unidade territorial e história pessoal; memorável por repetição de bordão 'Ó aí, ó'.
- [0:03] "Close-up das mãos descascando mandioca com faca; transição para interação com Francisco; exibição do saco de farinha; aprovação verbal ('Aprovado')." — Sequência visual que demonstra processo concreto (descascar → resultado → validação); priming cromático (preto-e-branco → cores) marca transição de trabalho para celebração; ativa similaridade (emissor no mesmo espaço que público-alvo) e autenticidade.
- [0:00] "Cenário: galpão rústico com teto de palha, chão de terra batida, mandiocas e cascas no chão, vasilhas, tijolos, motocicleta vermelha — ambiente rural autêntico." — Geografia persuasiva: lugar reconhecível, 'daqui'; âncora de autenticidade que ativa pertencimento territorial e reduz distância psicológica entre emissor (figura pública) e público-alvo (população rural/periurbana).
- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo!" — Promessa de ação do emissor (não convite ao receptor); fecha com ação cotidiana, não com frase memorável; reduz força de fechamento e deixa peça em estado de 'admiração' sem 'mobilização'.

Sugestão: Inserir um momento de micro-tensão maior no meio (ex.: 'Muita gente disse que não dava pra fazer farinha de qualidade aqui em Barreirinhas, mas vê só...'), criando dicotomia ceticismo vs. prova que force decisão rápida. Fechar com frase que convida o espectador a participar ('Vem

provar? Vem conhecer?') em vez de apenas prometer ação do emissor. Adicionar CTA visual nos últimos 3 segundos (ex.: 'Compartilhe com quem você ama' ou 'Marque um amigo que merecia estar aqui') para transformar observação em ação e aumentar direcionamento pessoal de 2 para 4+.

N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva — nota 8/10

O sistema persuasivo desta peça opera em três estágios bem sequenciados, cada um servindo a um objetivo específico dentro da jornada de cultivar relação, reduzir incerteza e motivar ação implícita (engajamento/compartilhamento). O primeiro estágio (0–8.17s) constrói credibilidade através de similaridade visual e prova social lastreada. O emissor se posiciona descascando mandioca em ambiente rural autêntico — preto e branco inicialmente, marcando tradição — e dialoga com Francisco, produtor local nomeado, que valida o trabalho com aprovação verbal explícita ('Aprovado'). Esta sequência não é casual: a pergunta retórica 'Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?' seguida de negação inicial ('Aí não') e depois validação cria uma micro-escada de compromisso que treina o espectador a concordar. O gatilho de similaridade (vestuário simples, postura curvada, linguagem corporal de trabalho manual) funciona como ponte entre a autoridade política implícita do emissor (ex-prefeito, pré-candidato) e a vida cotidiana do público-alvo maranhense rural — reduzindo a distância percebida sem explicitá-la.

O segundo estágio (8.17–20.99s) pivota para emoção e unidade territorial. A transição cromática (preto-e-branco para cores) marca simbolicamente a passagem de 'trabalho/passado' para 'celebração/presente'. O superlativo 'DIFERENCIADO' e 'MELHOR' ativam esperança de ganho, enquanto a repetição de 'Barreirinhas' (4 menções em 12s) e a nomeação de habitantes (Francisco, Isabel, Graziela) constroem identidade territorial composta. O bordão 'Ó aí, ó' (repetido 4 vezes) funciona como marca de oralidade regional que reforça pertencimento — não é memorização forçada, mas ritmo natural de fala que o público-alvo reconhece como autêntico. A justaposição visual do saco de farinha com o polegar para cima, o produtor local e a figura pública cria valência positiva composta sem parecer montagem: todos estão no mesmo espaço, abraçando-se, validando mutuamente. Este é o pico emocional da peça.

O terceiro estágio (20.99–27.23s) consolida através de promessa de ação e camaradagem. 'Tá garantido, Graziela!' e 'Vou botar no moio, meu amigo!' funcionam como CTA transitório de baixa fricção — não pedem voto, compra ou ação explícita, mas plantam a ideia de que o emissor está 'do lado' da comunidade, cumprindo promessas. O abraço final entre os dois homens fecha a narrativa com símbolo de unidade familiar simbólica.

A sequência retórica segue a ordem ideal: credibilidade (quem fala, validação de terceiro) → emoção (esperança, orgulho, pertencimento) → justificação racional (a farinha é 'melhor' porque foi feita localmente, com nomes reais, processo visível). Não há saturação perceptível: cada gatilho ocupa espaço temporal e visual distinto, e a música animada em volume variável (baixo-alto-baixo) acompanha os picos emocionais sem exagero. A persuasão é sentida mas não vista — o espectador não percebe estar sendo persuadido, apenas assistindo a um momento autêntico de participação comunitária.

O lastro é quase totalmente real: Francisco e Isabel são produtores locais verificáveis (nomeados, visíveis, interagindo naturalmente); a farinha é produto concreto; o cenário é autêntico; a aprovação é verbal e visual. A única fragilidade está na pergunta retórica 'Tá aprovado?' que estrutura concordância, mas mesmo esta é mitigada pela resposta genuína de Francisco. O contexto político (pré-candidato ao governo) confere autoridade implícita ao emissor, mas esta não é falsificada — é credencial real que a legenda não esconde ('#BraidePeloMaranhão'). A peça não tenta fingir que o emissor é um produtor comum; ao contrário, posiciona-o como figura pública que se envolve com produção local, o que é mais potente para o público-alvo (população que espera que líderes entendam e valorizem seu trabalho).

O que falta é um CTA explícito ou semi-explícito direcionado ao público-alvo além de Graziela. A peça termina com promessa de ação do emissor ('Vou botar no moio'), não do espectador. Para um objetivo de mobilização política (compartilhamento, engajamento, conversão de intenção de voto), seria mais eficaz adicionar uma frase final que convide o público a participar — por exemplo, 'Vocês também fazem farinha assim? Marca aí!' ou 'Compartilha se você também acredita no Maranhão que produz'. Isto não comprometeria a autenticidade, apenas fecharia o loop entre o que a peça plantou (pertencimento, validação de trabalho local) e o que espera colher (engajamento).

Em síntese, o sistema persuasivo é competente e lastreado. Opera através de empilhamento bem dosado de gatilhos que se amplificam sem saturar: similaridade + prova social → emoção territorial + orgulho → promessa de ação. A sequência respeita a psicologia da persuasão (credibilidade antes de emoção, emoção antes de pedido). A invisibilidade da técnica é alta — o espectador sente conexão, não manipulação. O risco é que a falta de CTA explícito deixe a peça como 'conteúdo de relacionamento' puro, sem conversão clara para ação política, o que pode ser intencional (construir relação antes de pedir) ou uma oportunidade perdida.

Dimensões: D1: 5/5 · D2: 5/5 · D3: 4.5/5 · D4: 4.5/5 · D5: 3.5/5

Penalidades: -0,5: CTA ausente ou transitório demais — peça termina com promessa do emissor, não convite ao espectador; para objetivo de mobilização política em Instagram, isto é oportunidade perdida de fechamento de loop

Evidências:

- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. Tá aprovado? Aprovado." — Sequência de pergunta retórica + negação inicial + validação treina concordância e estabelece prova social lastreada (Francisco, produtor local nomeado, valida explicitamente)
- [0:03] "Abertura em preto e branco (cenas 1-3); transição para cores (azul, verde, marrom, vermelho a partir de cena 4)" — Priming cromático marca transição narrativa de 'trabalho/tradição' para 'celebração/presente', reduzindo distância psicológica entre passado rural e momento de validação
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. [...] a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo! Ó aí, ó!" — Superlativo + repetição de localidade + nomeação de

habitantes + bordão regional constroem identidade territorial composta e ativam orgulho/esperança de ganho sem parecer forçado

- [0:15] "Saco de farinha (produto) co-presente com locutor_1 (figura pública), locutor_2 (Francisco, produtor local), mulher (Isabel, produtora); motocicleta vermelha ao fundo; polegar para cima" — Justaposição visual de autoridade + produtor local + produto + símbolo de aprovação cria valência positiva composta sem parecer montagem — todos no mesmo espaço, abraçando-se
- [0:20] "Tá garantido, Graziela! Valeu! Vou botar no moio, meu amigo!" — CTA transitório de baixa fricção planta ideia de que emissor está 'do lado' da comunidade, mas não convida espectador a ação — deixa peça como relacionamento puro, não conversão
- [0:00] "Ó aí, ó. [repetido em 2.65, 3.44, 20.39]" — Bordão memorável repetido 4 vezes funciona como marca de oralidade regional autêntica que reforça pertencimento sem parecer técnica de memorização

Sugestão: Adicionar CTA explícito nos últimos 3 segundos que convide o público-alvo a participar — ex.: 'Vocês também fazem farinha assim? Marca aí!' ou 'Compartilha se você também acredita no Maranhão que produz' — para fechar o loop entre o pertencimento plantado e a ação esperada (engajamento/compartilhamento), sem comprometer autenticidade. Isto elevaria D5 (fechamento do sistema) de 3.5 para 4.5–5.

N6 — Identidade & Tribo — nota 6/10

O vídeo constrói um 'nós' territorial e de trabalho compartilhado, mas de forma ainda incipiente e dependente da presença do emissor como mediador. O mecanismo central é a justaposição: Eduardo Braide (figura pública, ex-prefeito) participa fisicamente do trabalho manual rural — descascando mandioca ao lado de Francisco e Isabel — e depois valida o produto final com aprovação explícita. Isso cria uma ponte simbólica entre autoridade política e produção local, sugerindo que o 'nós' é 'gente que trabalha junto em Barreirinhas'. A identidade é ancorada em território concreto (Barreirinhas, Sobradinho), em nomes próprios de produtores (Francisco, Isabel, Graziela) e em um ritual de trabalho visível — o descascar de mandioca, a aprovação, o abraço final. O bordão 'Ó aí, ó' (repetido 4 vezes) funciona como marca de oralidade regional e pertencimento linguístico.

Contudo, o pertencimento é ainda frágil em dois aspectos críticos. Primeiro, não há nomeação explícita da tribo — não existe um 'nós' que se chama a si mesmo, que se reconhece como coletivo com agência própria. O público é mencionado apenas nominalmente (Graziela, Francisco, Isabel) mas não é convidado a participar, co-criar ou decidir. A peça funciona como demonstração de que Braide 'está lá', 'trabalha com vocês', mas o público permanece espectador do processo. Segundo, o pertencimento depende quase integralmente da presença e validação do emissor — sem Braide no quadro, a farinha é apenas farinha; com ele, ela se torna 'diferenciada' e 'a melhor de Barreirinhas'. Isso revela uma comunidade ainda não autossuficiente em sua identidade: ela existe porque uma figura de autoridade a reconheceu e a nomeou, não porque os próprios produtores e consumidores a reivindicam.

A jornada de comunidade que o conteúdo trabalha é a transição de 'curioso' para 'ativo' — o público vê o processo, conhece os nomes, aprende que existe uma farinha de qualidade em seu território. Mas não há convite para o próximo estágio (conectar-se com outros membros, co-criar, aparecer). As promessas ('Vou jogar pra ali', 'Vou botar no moio, meu amigo') são ações do emissor, não convites ao público. O CTA é implícito e fraco: 'curta e compartilhe' está ausente; o que resta é 'veja que isso existe e é bom'.

A qualidade da fronteira é afirmativa — não há inimigo nomeado, não há hostilidade ao exogrupo. O pertencimento é construído por afirmação própria (trabalho, qualidade, território, nomes). Isso é um ponto forte. Mas a ausência de um adversário também revela que a identidade ainda não está testada: ela não sabe quem é porque não sabe quem não é.

O protagonismo do público é baixo. Gente comum aparece (Francisco, Isabel, Graziela), mas como figurantes validados pelo emissor, não como agentes. Não há histórias de vida, não há voz deles além da aprovação de Francisco ('Aprovado'). A mulher descascando mandioca não tem nome, não fala, não é nomeada — é apenas presença visual de trabalho.

Para fortalecer a construção de comunidade, a peça deveria: (1) nomear explicitamente o 'nós' — 'A gente de Barreirinhas que faz farinha de verdade', 'Os produtores de Sobradinho', algo que permita ao público se reconhecer como membro de um coletivo, não apenas espectador de um processo; (2) convidar o público a participar com papel real — 'Vocês que comem essa farinha, contem aqui: qual é o prato que vocês fazem?', 'Produtores de Barreirinhas, marquem aqui quem vocês são' — transformando a seção de comentários em espaço de co-criação e reconhecimento mútuo; (3) reduzir a dependência da validação do emissor, permitindo que Francisco e Isabel falem sobre seu próprio trabalho, sua própria qualidade, sua próprio orgulho — isso transferiria a autoridade do 'nós' para dentro do grupo, não para fora.

Dimensões: D1: 3.5/5 · D2: 2.5/5 · D3: 3/5 · D4: 2/5 · D5: 4/5

Penalidades: Público como massa passiva: gente comum nomeada (Francisco, Isabel, Graziela) mas sem voz, sem história, sem papel de decisão ou co-criação. Mulher descascando mandioca não é nomeada.; Comunidade citada mas sem papel: produtores aparecem como validadores do emissor, não como protagonistas de sua própria narrativa.; Nenhum CTA com engajamento comunitário: não há convite para o público nomear-se, conectar-se com outros membros ou co-criar conteúdo. Promessas são do emissor, não do coletivo.

Evidências:

- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?" — Emissor pede permissão para participar, posicionando-se como outsider que quer entrar no trabalho — revela que o 'nós' ainda não o inclui automaticamente.
- [0:07] "Tá aprovado?" — Emissor busca validação de Francisco, mas a estrutura da pergunta coloca o produtor local como juiz, não como co-protagonista. Não há pergunta recíproca ('E você, Francisco, como você vê o resultado?').

- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO." — Emissor anuncia a diferenciação, não o próprio produtor. O 'nós' é construído pelo olhar externo (Braide) que reconhece e nomeia, não pelo coletivo que se reconhece.
- [0:15] "É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Nomes próprios (Francisco, Isabel) funcionam como prova social e humanização, mas não como voz — eles não falam sobre sua própria farinha, Braide fala por eles.
- [0:20] "Tá garantido, Graziela!" — Graziela é nomeada mas não aparece no vídeo; é menção nominal que sugere conhecimento do público, mas sem convite de participação ou reconhecimento mútuo.
- [0:00] "Ó aí, ó. [repetido em 2.65, 3.44, 20.39]" — Bordão regional que marca oralidade e pertencimento linguístico, mas é propriedade do emissor — não é ritual que o público pode reproduzir ou se apropriar para sinalizar pertencimento.

Sugestão: Restruture o final do vídeo para dar voz aos produtores: após a aprovação de Francisco, deixe Isabel ou Francisco falarem diretamente para câmera sobre o trabalho, o orgulho, o que significa fazer a melhor farinha de Barreirinhas. Depois, lance um convite explícito ao público: 'Vocês que comem essa farinha, comentem aqui qual é o prato que vocês fazem — vamos montar um cardápio de Barreirinhas juntos'. Isso transfere o protagonismo do 'nós' do emissor para o coletivo e convida o público a co-criar identidade, não apenas consumir validação.

N7 — Validação & Posição Relacional — nota 8/10

O vídeo constrói validação da experiência do público-alvo (população rural do Maranhão, especialmente de Barreirinhas) através de uma sequência que inverte a hierarquia tradicional: em vez de o político falar sobre o povo, o político entra no trabalho do povo. A abertura em preto e branco (0–3.44s) mostra Braide descascando mandioca ao lado de Francisco, um produtor local nomeado. Essa cena inicial não é discurso — é ação compartilhada. O não-verbal é congruente: corpo curvado sobre a tarefa, vestuário simples (camiseta, bermuda, boné), linguagem corporal idêntica à de qualquer trabalhador rural. Quando Francisco responde 'Aí não' à pergunta 'Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?' (2.22–2.65s), há um momento de rejeição que Braide não contorna com autoridade ou paternalismo — ele simplesmente continua trabalhando e deixa o resultado falar. 'Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó' (3.44–5.74s) não é uma desculpa; é um reconhecimento da dificuldade ('não foi rápido') seguido de uma prova concreta. Francisco então valida: 'Aprovado' (8.17s). Essa sequência de aceitação → validação → proposta está estruturada corretamente: o público (representado por Francisco e Isabel, produtores nomeados) é ouvido, sua experiência é espelhada em ação (não em palavras vazias), e só depois vem o pedido implícito.

A transição cromática (preto-e-branco para cores em 3.9s) marca simbolicamente a passagem de 'trabalho árduo' para 'celebração', reforçando que o resultado é fruto de esforço real. O vocabulário é exato ao público: 'ó aí, ó' (repetido 4 vezes), 'moio', 'botar', 'meu amigo' — não há tradução para linguagem política ou urbana. Quando Braide diz 'Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO' (12.8s), ele não está oferecendo caridade; está oferecendo reconhecimento público do trabalho de Francisco e Isabel. A menção nominal dos produtores ('de Sobradinho, do

Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas') funciona como autorrevelação pertinente: 'eu vi vocês, eu nomeio vocês, eu valido vocês'. Isso não é sobre Braide; é sobre tornar visível quem estava invisível.

A empatia tem lastro concreto: Braide não apenas fala sobre a farinha, ele participou de fazê-la (conforme a legenda: 'eu ajudei a fazer'). O abraço final (26.63–27.23s) entre Braide e Francisco, com sorriso e contato visual, demonstra emoção rotulada (alegria, camaradagem) congruente com o tom verbal. Não há invalidação do público: nenhum 'deveria', nenhuma moralização, nenhuma envergonha. A dor latente (trabalho manual árduo, invisibilidade de produtores locais) é nomeada implicitamente pela estrutura: 'Pode não ter sido rápido' reconhece a dificuldade sem minimizá-la.

Um risco menor: o vídeo não contém um CTA explícito (call-to-action direto). As frases 'Vou jogar pra ali' e 'Vou botar no moio, meu amigo' são promessas de ação pessoal, não convites ao público para agir. Isso é apropriado para Instagram nativo (o engajamento esperado é compartilhamento, comentário, reação — não clique externo), mas deixa o pedido de voto ou apoio implícito, dependendo inteiramente da legenda '#BraidePeloMaranhão' para ancorá-lo. A legenda é fraca nesse sentido: 'O almoço de hoje foi com a farinha que eu ajudei a fazer' é narrativa pessoal, não proposição política. Há também uma assimetria de direcionamento: o vídeo fala muito em primeira pessoa ('eu descasco', 'eu valido', 'eu vou botar') e pouco em segunda pessoa ('você'). Para um público-alvo que é a população do Maranhão, isso funciona como espelho (o público se vê em Francisco e Isabel, não em Braide), mas deixa a ponte de identificação com o candidato um passo atrás.

A especificidade da validação é alta: não é 'eu entendo o trabalho rural' (genérico), é 'vejo o seu rosto (Francisco), ouço o seu 'não' inicial, reconheço o seu esforço, nomeio o seu produto como o melhor'. O vocabulário é exato, a situação é concreta, o não-dito (a invisibilidade e o cansaço do trabalho rural) é nomeado pela estrutura narrativa. A sequência validar → propor está presente: primeiro, Braide trabalha ao lado de Francisco (validação por ação); depois, Francisco aprova (validação por terceiro); só então Braide oferece o almoço diferenciado e a visibilidade pública. Não há pedido sem validação prévia.

Uma sugestão de reestruturação: adicionar um CTA transitório mais explícito na legenda ou em texto de tela final, como 'Compartilha aí a farinha da sua região' ou 'Qual é o produto que faz a diferença na sua comunidade?', para transformar o engajamento passivo em participação ativa do público. Isso manteria a autenticidade (não seria um 'vote em mim') enquanto criaria um loop de pertencimento: o público se sentiria convidado a nomear seus próprios produtores, replicando a estrutura de validação que Braide demonstrou.

Dimensões: D1: 4.5/5 · D2: 4.5/5 · D3: 4/5 · D4: 5/5 · D5: 4.5/5

Penalidades: CTA ausente ou apenas implícito (–0,5): nenhum convite explícito ao público para agir, compartilhar ou participar; engajamento depende inteiramente da legenda fraca; Assimetria de direcionamento (–0,5): razão eu/você muito alta (99); público se vê em Francisco/Isabel, não em ponte direta com Braide; deixa identificação política um passo atrás

Evidências:

- [0:00] "Homem descascando mandioca em galpão rústico com teto de palha, chão de terra batida; vestuário simples (camiseta, bermuda, boné); linguagem corporal curvada sobre tarefa manual" — Validação por ação compartilhada: Braide não fala sobre o trabalho rural, entra nele. Sequência validar → propor começa aqui, não em palavras.
- [0:02] "'Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?' [Aí não.] Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. Tá aprovado? Aprovado." — Espelhamento exato: Braide não contorna a rejeição inicial ('Aí não') com autoridade; deixa o resultado falar. Francisco valida com 'Aprovado'. Estrutura de aceitação → validação → proposta está correta.
- [0:03] "Close-up das mãos descascando mandioca com faca; transição para cores (azul, verde, marrom); interação com Francisco; exibição do saco de farinha" — Priming cromático: preto-e-branco (tradição/trabalho árduo) → cores (presente/celebração). Marca simbolicamente a passagem de esforço para resultado, reforçando autenticidade.
- [0:12] "'Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!'" — Menção nominal (Francisco, Isabel) + superlativo (MELHOR) + regionalismo (Barreirinhas, Sobradinho, 'meu amigo'). Autorrevelação pertinente: 'eu vi vocês, eu nomeio vocês'. Não é sobre Braide; é sobre tornar visível quem estava invisível.
- [0:18] "Locutor_1 e locutor_2 (Francisco) em pé, com saco de farinha; mulher (Isabel) descascando mandioca no mesmo espaço; expressão facial de entusiasmo, sorriso frequente" — Congruência autêntica: verbal (elogio, celebração) e não-verbal (sorriso, abraço, contato visual) contam a mesma história. Emoção rotulada (alegria, camaradagem) sem incongruência.
- [0:26] "'Vou botar no moio, meu amigo!'" — Braide abraça Francisco, sorrindo, com contato visual direto" — Ausência de invalidação: nenhum 'deveria', nenhuma moralização, nenhuma envergonha. Dor latente (invisibilidade, cansaço do trabalho rural) é reconhecida pela estrutura, não minimizada.
- [0:00] "Vocabulário: 'ó aí, ó' (repetido 4 vezes), 'moio', 'botar', 'meu amigo' — nenhuma tradução para linguagem política ou urbana" — Especificidade da validação: não é 'eu entendo o trabalho rural' (genérico), é linguagem exata ao público. Espelha o vocabulário real, não traduz para jargão do emissor.

Sugestão: Adicionar CTA transitório explícito na legenda ou em texto de tela final (ex.: 'Compartilha aí a farinha da sua região' ou 'Qual é o produto que faz a diferença na sua comunidade?') para transformar engajamento passivo em participação ativa, criando um loop de pertencimento que replica a estrutura de validação demonstrada. Isso mantém autenticidade enquanto convida o público a nomear seus próprios produtores, fechando a ponte entre Francisco/Isabel e a identificação política com Braide.

N8 — Clareza & Carga Cognitiva — nota 8/10

A peça funciona como narrativa de autenticidade territorial e proximidade comunitária, otimizada para o público do Maranhão rural e semiurbano. O mecanismo central é a justaposição de três

camadas: (1) participação manual do emissor (Braide) no trabalho artesanal de produção de farinha, (2) validação por produtores locais nomeados (Francisco e Isabel), e (3) oferta do produto como almoço 'diferenciado' à comunidade. Essa estrutura resolve um problema comunicativo comum em campanhas de pré-candidatos: evitar parecer distante ou apenas transacional. Aqui, Braide não apenas promete ou elogia — ele entra no galpão, descasca mandioca, recebe aprovação de terceiros e celebra o resultado com abraços.

A fluência perceptiva é alta porque o espectador de atenção parcial capta a mensagem central em uma passada: 'um político participa do trabalho local, valida a qualidade e oferece o resultado à comunidade'. Não há competição de ideias — tudo converge para essa narrativa única. O texto na tela (branco, caixa alta, com sombra) replica a fala sem colisão; ambos os canais reforçam a mesma sequência narrativa. A densidade de informação é apropriada ao formato: 27 segundos de vídeo vertical para Instagram, com 14 blocos de fala curtos (média 5,4 palavras por frase) e 6 cenas que renovam o estímulo visual sem sobrecarregar.

A concretude lexical é forte. Não há abstrações — tudo é cena, objeto, ação. 'Descascando mandioca', 'saco de farinha', 'galpão rústico', 'polegar para cima', 'abraço'. Cada palavra gera imagem. O índice de legibilidade (Flesch 91,8) confirma que o discurso é compreensível para públicos com escolaridade básica, alinhado ao alvo declarado. Regionalismos ('ó aí, ó', 'meu amigo', 'moio') funcionam como marcadores de pertencimento, não como ruído — reforçam a identidade territorial.

Os gatilhos persuasivos estão bem distribuídos e ancorados em lastro real. A similaridade (Braide no trabalho manual, vestuário simples) reduz distância psicológica. A reciprocidade (ele 'ajudou a fazer' a farinha, conforme legenda, e agora oferece) demonstra ação prévia. A prova social (Francisco aprova verbalmente: 'Aprovado') funciona porque Francisco é produtor local nomeado, não ator. A autoridade de Braide (ex-prefeito, pré-candidato) é implícita mas presente. A unidade territorial é reforçada por repetição de 'Barreirinhas' (3 vezes) e menção nominal de habitantes (Francisco, Isabel, Graziela), construindo identidade de 'nós' local. A justaposição visual (produto + figura pública + produtores + símbolo de aprovação) cria valência positiva composta.

Há, porém, uma limitação estrutural: a peça não contém um call-to-action explícito. As frases finais ('Vou botar no moio, meu amigo!', 'Valeu!') são promessas de ação do emissor, não convites ao espectador. Isso não é defeito em contexto de conteúdo nativo/comunitário (o objetivo é reforçar pertencimento e confiança, não gerar clique imediato), mas reduz a capacidade de conversão direta. A legenda (#BraidePeloMaranhão) é hashtag de marca, não CTA. Para públicos que já estão no funil (simpatizantes, eleitores prováveis), essa abordagem é eficaz — reforça narrativa de proximidade. Para públicos frios ou indecisos, seria necessário um convite mais direto (ex.: 'Vem conhecer o trabalho que estamos fazendo em Barreirinhas' + link).

A carga simultânea é bem gerida. Texto e fala não colidem; música de fundo (volume baixo/alto alternado) marca transições sem competir com a narração. Nunca há mais de 3 itens de informação simultâneos na tela. A transição de preto-e-branco (primeiras cenas, trabalho) para cores (celebração) é um priming cromático sutil que marca mudança de tom sem exigir esforço cognitivo.

Um ponto de atenção: a razão eu/você é 99 (discurso centrado no 'eu' do emissor), e a densidade de 'você' é zero. Isso significa que o espectador é observador, não interlocutor direto. Para conteúdo de proximidade comunitária, isso é aceitável — o objetivo é criar identificação por observação, não por diálogo. Mas se o objetivo fosse mobilização ou engajamento ativo, seria uma fraqueza.

A sugestão de reestruturação prioritária: adicionar um CTA transitório no final (ex.: após 'Vou botar no moio, meu amigo!', inserir frase como 'Quer provar? Vem em Barreirinhas!' ou 'Compartilha com quem você ama' — algo que convide o espectador a ação baixa, sem quebrar o tom). Isso manteria a autenticidade narrativa e abriria porta para engajamento/compartilhamento, que é a moeda de conteúdo nativo em Instagram.

Dimensões: D1_fluencia_geral: 4.5/5 · D5_carga_simultanea: 4.5/5 · D3_densidade_formato: 5/5 · D2_unicidade_mensagem: 5/5 · D4_concretude_lexical: 5/5

Evidências:

- [0:03] "Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó." — Demonstra concretude lexical e estrutura de justificativa ('mas' + validação); frase curta (5 palavras) que gera imagem mental clara
- [0:07] "Tá aprovado? Aprovado." — Prova social com lastro real (Francisco, produtor local nomeado, valida); diálogo curto que reforça unicidade da mensagem (aprovação = qualidade)
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Gatilho de unidade territorial (repetição de 'Barreirinhas' 2x, menção nominal de produtores); superlativo 'DIFERENCIADO' e 'MELHOR' codificam esperança de ganho; densidade apropriada (3 ideias: localidade, produtores, qualidade)
- [0:00] "Cenas 1-3 em preto-e-branco; transição para cores em cena 4" — Priming cromático sutil que marca transição narrativa (trabalho/tradição → celebração/presente) sem exigir esforço cognitivo; reforça fluência perceptiva
- [0:15] "Justaposição visual: locutor_1 (Braide) com saco de farinha, locutor_2 (Francisco) ao lado, mulher (Isabel) descascando mandioca, polegar para cima implícito" — Valência positiva composta (autoridade + produtor local + trabalho colaborativo + aprovação); reforça similaridade e reciprocidade
- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo!" — Promessa de ação do emissor (não CTA ao espectador); regionalismo 'moio' reforça pertencimento territorial; ausência de convite direto ao público é limitação estrutural para conversão

Sugestão: Inserir CTA transitório após 'Vou botar no moio, meu amigo!' (ex.: 'Compartilha com quem você ama' ou 'Vem conhecer o trabalho em Barreirinhas') para abrir porta a engajamento/compartilhamento sem quebrar autenticidade narrativa. Isso elevaria a peça de 'reforço de proximidade' para 'proximidade + mobilização', mantendo o tom comunitário.

N9 — Formato & Plataforma — nota 7/10

A peça funciona como narrativa de autenticidade territorial e proximidade comunitária, mas falha em converter essa proximidade em ação explícita do espectador. O vídeo é nativo do formato vertical e do consumo mobile — enquadramento centralizado, duração de 27 segundos, ritmo de corte adequado (11,25 cortes/min), ausência de vinheta ou logo inicial. A gramática é a do feed: câmera estática, plano médio alternado com close-up, transição por corte seco, música animada em volume variável funcionando como marcador emocional. Funciona plenamente no mudo: o texto em tela (branco, caixa alta, com sombra) é legível e sincronizado com a fala, permitindo compreensão total sem áudio. A saliência visual coincide com a mensagem em cada cena — o homem descascando mandioca (cenas 1-3), a interação de aprovação com Francisco (cenas 4-5), o saco de farinha exibido com polegar para cima (cena 5), o abraço final (cena 6). A paleta cromática reforça a narrativa: abertura em preto e branco (passado/tradição, trabalho manual) transita para cores quentes (azul, verde, marrom, vermelho a partir de 3,9s), marcando a transição de esforço para celebração. Trilha, cortes e tom são congruentes — música aumenta em volume nos picos emocionais (aprovação em 5,74-7,4s; celebração em 20,99-22,89s), criando sincronismo entre canal auditivo e visual.

A estética atravessa o filtro anti-anúncio porque é radicalmente nativa: produção crua, cenário rústico autêntico (galpão com teto de palha, chão de terra batida, cascas de mandioca no chão), vestuário simples e funcional, linguagem oral regional ('Ó aí, ó', 'meu amigo', 'vou botar no moio'), personagens nomeados (Francisco, Isabel, Graziela) que parecem reais e não atores. O emissor participa fisicamente da tarefa (descascando mandioca), não apenas narrador externo — isso codifica vulnerabilidade e pertencimento ao território, não distância institucional. A voz é própria: repetição memorável do bordão 'Ó aí, ó' (4 ocorrências), tom de conversa entre amigos, sem genérico da categoria política.

A informação essencial está bem posicionada: a promessa de 'almoço diferenciado' (9,09s) e a identificação do produto ('farinha de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas') ocorrem no terço final, após gancho narrativo de aprovação (2,22-8,17s). Essa estrutura funciona porque o padrão de varredura mobile premia abertura com conflito/curiosidade ('Tem uma vaga pra mim aí?' → 'Aí não' → 'Ó aí, ó') e recompensa com revelação. A posição não é enterrada; é revelada progressivamente, mantendo atenção.

Os gatilhos ativados são densos e congruentes com o público-alvo (população do Maranhão): similaridade (emissor no trabalho manual rural, vestuário e linguagem corporal alinhados ao público); reciprocidade (declaração de participação prévia — 'eu ajudei a fazer' — na legenda); prova social (Francisco valida com 'Aprovado'); autoridade implícita (posição política do emissor, ex-prefeito); unidade territorial (repetição de 'Barreirinhas', nomes locais, regionalismo); família simbólica (abraços, camaradagem visual); justaposição (produto + figura pública + produtores locais + símbolo de aprovação); geografia persuasiva (cenário rural autêntico); priming cromático (preto-e-branco → cores); orgulho (superlativo 'MELHOR', expressão facial entusiasmada); história pessoal (personagens vulneráveis, nomeados).

O ponto crítico é a ausência de CTA explícito e nativo. A peça não convida o espectador a fazer nada além de consumir a narrativa. As frases finais ('Valeu!', 'Vou botar no moio, meu amigo!') são

promessas do emissor, não pedidos ao público. Não há botão de ação, link na bio, convite para compartilhar, sugestão de comentário ou pergunta que abra diálogo. A legenda (#BraidePeloMaranhão) é hashtag de campanha, não CTA — funciona como marcador de identidade, não como gatilho de ação. Para uma peça de pré-candidato, isso é particularmente problemático: o objetivo implícito é mobilização (compartilhamento, engajamento, construção de presença), mas a forma não fornece rampa de ação clara. O espectador sai da peça com emoção positiva (orgulho territorial, proximidade com emissor) mas sem saber o que fazer com isso.

Outro ponto: a razão eu/você é extremamente desequilibrada (99:0 conforme métricas). A narrativa é centrada no 'eu' do emissor (participação dele, aprovação dele, celebração dele) e no 'nós' simbólico (comunidade local), mas não dialoga direto com o 'você' do espectador. Frases como 'Tá garantido, Graziela!' parecem dirigidas a pessoa específica (Graziela), não ao público amplo. Isso reduz a sensação de inclusão e convite.

A sugestão de reestruturação prioritária é: inserir CTA nativo no final (últimos 3-5 segundos), mantendo tom conversacional. Opções: (1) pergunta aberta que convida resposta ('Qual é a farinha que vocês usam em casa?'), (2) convite explícito ao compartilhamento ('Marca aí quem merecia estar nesse almoço'), (3) promessa de ação futura que inclua o público ('Próximo almoço, vocês vêm também'). O CTA deve estar em texto de tela (visível no mudo) e ser reforçado na legenda. Isso manteria a autenticidade (tom conversacional, sem 'clique aqui' genérico) enquanto converteria proximidade emocional em engajamento mensurável.

Dimensões: D1: 5/5 · D2: 5/5 · D3: 5/5 · D4: 5/5 · D5: 4/5 · D6: 1/5

Penalidades: CTA ausente (D6 = 1): nenhum pedido explícito ao espectador, apenas promessas do emissor; impacto: -0,5; Razão eu/você extremamente desequilibrada (99:0): narrativa centrada no eu do emissor, pouca inclusão do espectador; impacto: -0,5

Evidências:

- [0:00] "Abertura em preto e branco (cenas 1-3), transição para cores (azul, verde, marrom, vermelho a partir de 3,9s)" — Priming cromático que marca transição narrativa de trabalho/tradição para celebração/presente; congruência sensorial entre paleta e emoção
- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. Tá aprovado? Aprovado." — Gancho narrativo que ativa curiosidade (conflito inicial) e prova social (validação de terceiro nomeado); estrutura de varredura mobile que mantém atenção
- [0:09] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Revelação da promessa central com superlativo ('MELHOR') e nomes locais; posição no terço final recompensa atenção inicial; ativa orgulho territorial e unidade
- [0:15] "Homem (locutor_1) com saco de farinha e homem (locutor_2) em pé, com os braços cruzados, sorrindo; mulher sentada descascando mandioca; motocicleta vermelha ao fundo" — Justaposição visual de produto, figura pública, produtores locais e símbolo de aprovação (polegar para cima); saliência coincide com mensagem (produto em destaque central)

- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo! [abraço entre locutor_1 e locutor_2]" — Encerramento com promessa do emissor (não do público) e gesto de camaradagem; ausência de CTA explícito deixa espectador sem ação clara
- "Vestuário simples (camiseta, bermuda, boné), cenário rústico autêntico (galpão com teto de palha, terra batida), linguagem oral regional ('Ó aí, ó', 'meu amigo')" — Estética nativa que atravessa filtro anti-anúncio; produção crua e pessoal codifica autenticidade e pertencimento territorial, não distância institucional

Sugestão: Inserir CTA nativo nos últimos 3-5 segundos em texto de tela + legenda: pergunta aberta ('Qual é a farinha que vocês usam em casa?') ou convite de inclusão ('Marca aí quem merecia estar nesse almoço'). Manter tom conversacional, sem imperativos genéricos. Isso converterá proximidade emocional em engajamento mensurável, alinhando forma ao objetivo implícito de mobilização política.

P1 — Tipo de Voto Alvo — nota 7/10

A peça funciona como narrativa de proximidade territorial e validação comunitária dirigida ao eleitor persuasível e simpatizante mole do Maranhão — não à base convencida. O mecanismo central é a justaposição de três elementos: (1) participação do emissor em trabalho manual rural autêntico, (2) validação por produtor local nomeado, (3) oferta de resultado ao público. A linguagem é deliberadamente despartidária — nenhuma menção a programa, promessa de governo ou enquadramento ideológico. Em vez disso, a peça constrói pertencimento territorial através de marcadores concretos: nomes próprios (Francisco, Isabel, Graziela), topônimos repetidos (Barreirinhas, Sobradinho), regionalismo oral ('ó aí, ó', 'meu amigo', 'vou botar no moio'), e cenário de autenticidade rural (galpão com teto de palha, terra batida, mandioca descascada). O registro é de 'entrega' — não promessa futura, mas ação presente e concluída ('ajudei a fazer', 'vou botar'). Isso alinha-se à posição de incumbente (ex-prefeito) que pode demonstrar fatos, não esperança. A função entregue ao alvo é segurança: o eleitor persuasível que duvida da capacidade de gestão ou da proximidade do candidato com a vida rural recebe evidência visual e narrativa de que o emissor trabalha, valida qualidade, celebra com a comunidade. A estrutura de diálogo inicial ('Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? / Aí não. / Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. / Aprovado.') funciona como prova social de terceiro — Francisco (produtor local, não ator) valida o trabalho, o que é mais potente que autoelogio. A transição cromática (preto-e-branco para cores) marca simbolicamente a passagem de trabalho árduo para celebração, reforçando a narrativa de esforço recompensado. Não há sinais de desmobilização ('são todos iguais', 'não adianta'). Há, porém, um desalinhamento crítico: o alvo implícito pela linguagem é o eleitor de baixa escolaridade, rural, com forte identidade territorial — exatamente o público que decide eleições em contexto de competição acirrada. Mas a peça não oferece munção para esse eleitor mobilizar outros ou defender o candidato em conversas. Não há CTA explícito (compartilhe, comente, vote). Não há promessa repetida que o eleitor possa memorizar e transmitir. O bordão 'ó aí, ó' é memorável, mas não é proposição política. Para maximizar impacto no persuasível rural, a peça deveria incluir uma frase de fechamento que conecte a ação (farinha de qualidade, trabalho com comunidade) a um benefício futuro tangível ('é assim que vamos fazer o Maranhão crescer' ou similar), transformando validação presente em esperança de governo. Alternativamente, um CTA de baixo risco ('compartilha aí com

quem você conhece em Barreirinhas') converteria engajamento em mobilização. A peça atual é excelente em construir confiança e proximidade, mas deixa implícita a ponte entre 'eu trabalho com vocês' e 'portanto, vote em mim'.

Dimensões: D1_clareza_alvo: 4.5/5 · D4_funcao_entregue: 4/5 · D2_adequacao_codigo: 4.5/5 · D3_coerencia_registro: 4.5/5

Penalidades: -0,5: Peça de conversão (alvo = persuasível rural) carregada de códigos de pertencimento territorial que expulsam o não-maranhense ou não-rural; funciona bem para base/simpatizante, mas limita alcance de persuasão ampla.; -0,5: Ausência de CTA explícito ou promessa repetida que permita ao eleitor mobilizar terceiros; função de 'segurança' entregue, mas não de 'munição'.

Evidências:

- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. Tá aprovado? Aprovado." — Prova social de terceiro: produtor local nomeado valida qualidade do trabalho, funcionando como testemunha credível para eleitor persuasível que duvida de capacidade/proximidade.
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Construção de pertencimento territorial através de topônimos repetidos, nomes próprios e superlativo; ativa identidade local do eleitor rural e reforça proximidade do emissor com comunidade específica.
- [0:00] "Cenário: galpão rústico com teto de palha, chão de terra batida, mandiocas descascadas, vestuário simples (camiseta, bermuda, boné); linguagem corporal curvada sobre tarefa manual." — Autenticidade rural e similaridade visual: emissor posiciona-se no trabalho manual, compartilhando origem/território com público-alvo; reduz distância simbólica entre figura pública e eleitor rural.
- [0:18] "Tá garantido, Graziela! Valeu! Vou botar no moio, meu amigo!" — Registro de 'entrega' (ação presente, não promessa futura) alinhado à posição de incumbente; oferece segurança ao persuasível através de demonstração de fato, não esperança.
- [0:00] "Legenda: 'O almoço de hoje foi com a farinha que eu ajudei a fazer em Sobradinho, em Barreirinhas! 📍 #BraidePeloMaranhão'" — Ausência de CTA explícito (compartilhe, comente, vote) e de promessa repetível; deixa implícita a ponte entre 'eu trabalho com vocês' e 'portanto, vote em mim', limitando função de 'munição' para eleitor mobilizar terceiros.

Sugestão: Adicionar frase de fechamento que conecte ação presente a benefício futuro tangível ('é assim que vamos fazer o Maranhão crescer') ou incluir CTA de baixo risco ('compartilha aí com quem você conhece em Barreirinhas') para converter engajamento em mobilização, transformando peça de 'segurança' em peça de 'segurança + munição'.

P2 — Quem Bate, Perde — nota 5/10

O conteúdo não contém crítica, ataque ou denúncia a adversário, grupo, instituição ou política pública. Trata-se de narrativa positiva de participação em atividade produtiva local (descascar mandioca, produção de farinha) com celebração de produto e produtores. A lente P2 não se aplica.

Sugestão: Lente não aplicável: ausência de conteúdo crítico ou de ataque.

P3 — Performance de Debate — nota 7/10

A peça funciona como narrativa de proximidade territorial e validação comunitária, construída para o público maranhense em plataforma de alta circulação social (Instagram). O orador (Eduardo Braide, ex-prefeito e pré-candidato) não entrega uma mensagem política explícita, mas sim uma mensagem implícita de enraizamento local e participação no trabalho produtivo da região. A estrutura narrativa segue um arco claro: participação no processo (descascar mandioca), validação por terceiro nomeado (Francisco aprova), celebração comunitária (almoço diferenciado) e oferta ao público (farinha de qualidade). Essa sequência ativa gatilhos de reciprocidade (já fez algo pela comunidade, agora oferece o resultado), similaridade (trabalha com as mãos, veste-se como trabalhador rural) e unidade territorial (repetição de 'Barreirinhas', nomes específicos: Francisco, Isabel, Graziela). A mensagem central — 'sou do povo, trabalho com o povo, valorizo o povo' — está presente em cada bloco, embora de forma implícita e visual, não verbal. Não há declaração direta de promessa política, o que é estrategicamente adequado para um perfil que evita polarização ideológica. A conduta não-verbal é impecável: sorriso frequente, gesticulação contida e propositiva (polegar para cima, abraços), inclinação de escuta ativa, ausência total de sinais de desdém ou fadiga. Os exemplos são altamente concretos — não fala de 'produtores locais' em abstrato, mas de Francisco e Isabel, nomeados e visíveis no trabalho. Os dados citados são verificáveis: a farinha é de Sobradinho, em Barreirinhas, produzida por pessoas reais que aparecem na tela. A abertura (preto e branco, pergunta descontraída 'Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?') estabelece tom de informalidade e pertencimento; o fechamento (abraço, 'Vou botar no moio, meu amigo!') reforça camaradagem e promessa de ação futura. O bordão 'Ó aí, ó' (repetido 4 vezes) funciona como marca de oralidade regional e memorabilidade. A transição cromática (preto-e-branco para cores) marca simbolicamente a passagem de trabalho árduo para celebração, reforçando a narrativa de transformação. Há, porém, uma limitação estrutural: o vídeo não contém call-to-action explícito (não pede compartilhamento, não direciona para site, não convida a ação política). A razão eu/você é desproporcionalmente alta (narrativa centrada no 'eu' do orador), o que reduz o senso de direcionamento ao público. Embora isso seja adequado para conteúdo nativo de Instagram (que prioriza autenticidade e storytelling pessoal), uma reestruturação poderia inserir uma frase de fechamento que convide o público a participar da celebração ou a reconhecer o trabalho local — por exemplo, após 'Vou botar no moio, meu amigo!', adicionar 'E vocês, já provaram a melhor farinha de Barreirinhas? Marca aí quem faz diferença na sua região' — isso manteria o tom descontraído e regional, mas criaria ponte entre narrativa pessoal e engajamento comunitário, transformando observador em participante.

Dimensões: D3_concretude: 5/5 · D2_diretividade: 3.5/5 · D5_solidez_dados: 5/5 · D1_mensagem_central: 4/5 · D4_conduta_nao_verbal: 5/5

Penalidades: -0,5: ausência de CTA explícito (nenhuma chamada direta à ação, compartilhamento ou engajamento político); -0,5: razão eu/você desproporcionalmente alta (99:0) — narrativa centrada no orador, pouco direcionamento ao público como agente

Evidências:

- [0:02] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?" — abertura que estabelece tom descontraído e pertencimento ao grupo de trabalho; pergunta retórica que colhe aprovação implícita
- [0:05] "Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó." — estrutura de concessão + justificativa que valida qualidade apesar de tempo; demonstra participação real no processo
- [0:08] "Aprovado." — validação por terceiro nomeado (Francisco); prova social com lastro real — produtor local confirma qualidade
- [0:12] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO." — mensagem central implícita: orador valoriza e celebra produção local; superlativo marca expectativa de ganho para público
- [0:15] "É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — concretude máxima — nomes específicos (Francisco, Isabel), localidade precisa (Sobradinho, Barreirinhas), produto tangível; mensagem central reforçada com superlativo
- [0:24] "[Cena 5-6] Justaposição visual: saco de farinha + orador + Francisco + Isabel + polegar para cima" — prova demonstração; justaposição de autoridade política, produtores locais e símbolo de aprovação cria valência positiva composta
- [0:00] "Transição preto-e-branco (cenas 1-3) → cores (cenas 4-6)" — priming cromático-simbólico: passado/tradição (preto-e-branco) → presente/vida (cores); marca narrativa de transformação trabalho → celebração
- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo!" — fechamento com promessa de ação futura; tom descontraído mantém autenticidade; porém sem convite explícito ao público

Sugestão: Inserir após o fechamento atual uma frase de ponte que convide o público a participar da narrativa, mantendo tom regional e descontraído — exemplo: 'E vocês, já provaram? Marca aí quem faz diferença na sua região!' Isso transformaria observador passivo em participante, elevando engajamento sem sacrificar autenticidade ou tom de proximidade que caracteriza a peça. Alternativamente, adicionar um texto de legenda secundária (em comentário fixado) que direcione para ação concreta (compartilhar, marcar produtor local, ou link para iniciativa de valorização de produção maranhense), mantendo o vídeo como puro storytelling.

P4 — Eleitor-Herói — nota 4/10

A peça constrói uma narrativa de participação comunitária, mas inverte sistematicamente a hierarquia de protagonismo: o eleitor deveria ser o herói, mas o político ocupa o centro da cena. Desde a abertura, Eduardo Braide é o sujeito das ações principais. Ele pergunta 'Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?' (0:69–2:22), descasca mandioca, valida a qualidade ('vê a nota aí, ó'), recebe aprovação de Francisco, e finalmente exhibe o produto final com o polegar para cima. A estrutura visual reforça isso: nas cenas iniciais, Braide está em primeiro plano, concentrado e protagonista;

Francisco e Isabel aparecem como coadjuvantes — um responde 'Aí não' e 'Aprovado', a outra trabalha ao fundo sem fala. A legenda declara 'eu ajudei a fazer', reforçando o eu como agente central. Quando Braide diz 'Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO' (9:09–12:8), ele não está celebrando o trabalho de Francisco e Isabel; está apresentando seu próprio feito como diferencial. A empatia, embora presente, é protocolar: menciona nomes (Francisco, Isabel, Graziela), localidade (Barreirinhas, Sobradinho) e usa linguagem regional ('ó aí, ó', 'meu amigo'), mas esses marcadores funcionam como credenciais de proximidade do político, não como reconhecimento da agência do eleitor. Francisco e Isabel não ganham identidade futura; permanecem como produtores nomeados mas não transformados. O eleitor (público de Barreirinhas) é convidado a consumir ('almoço diferenciado'), não a agir. A razão eu/você é extremamente desequilibrada: Braide fala em primeira pessoa ('eu ajudei', 'vou botar', 'vou jogar'), enquanto o público é endereçado apenas uma vez ('Tá garantido, Graziela!'), sem promessa de agência futura. A transformação de identidade que a peça oferece é passiva: de 'produtor invisível' a 'produtor validado por figura pública', mas não de 'espectador' a 'protagonista'. A ausência de um 'nós' construído (índice de 'nós' = 0) reforça a distância: não há convite à ação coletiva, apenas observação de um político em ação. A autoridade de Braide é implícita (ex-prefeito, pré-candidato) e funciona como credencial que o posiciona acima, não ao lado. A promessa 'Vou botar no moio' é ação do político, não do eleitor. O tom messiânico é suave mas presente: 'só eu estou aqui, participando, validando, oferecendo'. A coerência de papéis é estável — Braide permanece como protagonista do início ao fim — mas essa estabilidade é o problema: o papel do eleitor nunca muda de espectador para agente. Para reestruturar, a peça precisaria: (1) iniciar com Francisco ou Isabel descascando, estabelecendo-os como protagonistas visuais; (2) Braide entrar como facilitador que reconhece o trabalho já feito ('você fizeram isso'), não como participante que 'ajuda'; (3) a aprovação viria do público consumidor, não de Braide validando; (4) a promessa final seria 'você vão levar essa farinha para toda a região', não 'eu vou botar'. Isso inverteria a hierarquia sem perder a proximidade regional.

Dimensões: D1: 1.5/5 · D2: 2.5/5 · D3: 1/5 · D4: 1/5 · D5: 5/5

Penalidades: Razão eu/você = 99:1 (acima de 2:1 permitido) — penalidade de -0,5; Empatia protocolar: nomes e regionalismo citados como credencial do político, não como reconhecimento da agência do eleitor — penalidade de -0,5; Promessas ('vou botar', 'vou jogar') são ações do político, não do eleitor; eleitor termina como espectador — penalidade de -0,5; Ausência de 'nós' construído (índice = 0) e nenhum CTA que convida à ação coletiva — penalidade de -0,5

Evidências:

- [0:00] "Tem uma vaga pra mim aí, Francisco?" — Braide estabelece-se como sujeito ativo que busca participação; Francisco é objeto da pergunta, não protagonista
- [0:03] "Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó." — Braide valida o trabalho alheio como se fosse sua competência; usa primeira pessoa implícita ('vê a nota que eu vi')
- [0:09] "Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO." — Braide apresenta o produto como seu diferencial, não como resultado do trabalho de Francisco e Isabel
- [0:12] "É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo!" — Nomes citados como credencial de proximidade do político;

Francisco e Isabel não ganham voz ou identidade futura

- [0:18] "Legenda: 'O almoço de hoje foi com a farinha que eu ajudei a fazer'" — Primeira pessoa reafirma Braide como agente central; 'ajudei' posiciona-o como co-produtor, não como facilitador
- [0:26] "Vou botar no moio, meu amigo!" — Promessa é ação do político; eleitor não é convidado a agir, apenas a receber

Sugestão: Inverter a abertura: iniciar com Francisco descascando (protagonista visual), Braide entra como visitante que reconhece ('você já fazem isso há anos'); transferir a validação para o consumidor final ('o povo de Barreirinhas aprova'); encerrar com 'você vão levar essa farinha para toda a região' em vez de 'eu vou botar', transformando o eleitor de espectador a agente da mudança.

Inventário de Gatilhos (18)

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:00	persuasivo	presuasivo	2	real	Abertura em preto e branco (cenas 1-3); transição para cores (azul, verde, marrom, vermelho a partir de cena 4)
0:00	autoridade	autoridade	2	real	Eduardo Braide, ex-prefeito de São Luís e pré-candidato ao governo do Maranhão, participa da produção e valida o produto
0:00	emocional	emocional	2	real	Francisco (produtor nomeado), Isabel (produtora nomeada), Graziela (destinatária nomeada); participação do emissor na ta
0:00	afeicao	afeicao	2	real	Homem descascando mandioca em galpão rústico com teto de palha, chão de terra batida; vestuário simples (camiseta, bermu
0:00	narrativo	narrativo	2	real	Jornada: emissor participa do trabalho manual → valida qualidade → celebra com comunidade → oferece resultado ao público
0:00	persuasivo	presuasivo	3	real	Cenário: galpão rústico com teto de palha, chão de terra batida, mandiocas e cascas no chão, vasilhas, tijolos, motocicl
0:00	narrativo	narrativo	2	real	Ó aí, ó. [repetido em 2.65, 3.44, 20.39]
0:02	persuasivo	presuasivo	1	retorico	Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Tá aprovado?
0:02	prova_social	prova_social	2	real	Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? [Aí não.] Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. Tá aprovado? Aprov
0:03	logico	logico	1	real	Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó.

t	Gatilho	Categoria	Int.	Lastro	Trecho
0:03	logico	logico	2	real	Close-up das mãos descascando mandioca com faca; transição para interação com Francisco; exibição do saco de farinha; ap
0:05	unidade	unidade	2	real	Interação visual: locutor_1 e locutor_2 (Francisco) trabalham lado a lado, se cumprimentam, abraçam-se; mulher (Isabel)
0:09	unidade	unidade	3	real	Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO [...] a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo! Tá garantido, Grazi
0:09	emocional	emocional	2	real	Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. [...] a MELHOR farinha de Barreirinhas
0:09	reciprocidade	reciprocidade	3	real	Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a ME
0:12	emocional	emocional	3	real	Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. [...] a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo! Ó aí, ó!
0:15	persuasivo	presuasivo	3	real	Saco de farinha (produto) co-presente com locutor_1 (figura pública), locutor_2 (Francisco, produtor local), mulher (Isa
0:18	narrativo	narrativo	1	real	Tá garantido, Graziela! Valeu! Vou botar no moio, meu amigo!

Métricas computáveis

ritmo — 154 palavras/min; 11.25 cortes/min

- **silencios**: {"quantidade":0,"duracao_total_s":0} (ok) — nenhuma pausa dramática $\geq 1,5s$
- **cortes_min**: 11.25 (ok) — ritmo de corte dentro da faixa de conteúdo nativo
- **cena_media_s**: {"media_s":4.54,"mais_longa":{"ini":15.2,"duracao_s":9.57}} (ok) — cenas curtas renovam estímulo
- **densidade_info**: 154 (ok) — densidade de fala confortável
- **variacao_ritmo**: 3.62 (ok) — ritmo variável (alternância de cadência)
- **fala_continua_max**: 6.1 (ok) — sem blocos longos de fala ininterrupta
- **texto_tela_colisao**: 0 (ok) — texto e fala raramente colidem

emocao — perda/ganho 0; absolutismo 0/100

- **hedges**: 0 (atencao) — quase nenhum modalizador — discurso sem concessivas
- **absolutismo**: 0 (ok) — linguagem flexível
- **razao_dor_prazer**: {"razao":0,"sequencia_dor_prazer":false} (ok) — equilíbrio dor/prazer
- **razao_perda_ganho**: 0 (ok) — enquadramento equilibrado ou de ganho

- **essencia_vs_conduta**: 0 (ok) — ataques (se houver) são a condutas, não a essências
- **desumanizacao_lexico**: {"trechos":[], "contagem":0} (ok) — sem metáforas de praga/sujeira/doença/animal

proposta — 2 promessa(s); 0 número(s)

- **promessas**: {"contagem":2, "primeiras":["Vou jogar pra ali", "Vou botar no moio, meu amigo"]} (ok) — 2 frase(s) de promessa
- **numeros_especificos**: {"contagem":0, "pct_quebrados":0} (atencao) — nenhum número citado
- **perguntas_retoricas**: 0 (ok) — nenhuma pergunta retórica

estrutura — nenhum CTA detectado

- **ctas**: {"direto":0, "timestamps":[], "transitorio":0, "posicoes_relativas":[]} (atencao) — nenhum CTA detectado
- **loops**: {"abertos":0, "fechados":0, "abertos_no_final":0} (ok) — nenhum loop de curiosidade
- **porque_pedido**: 0 (atencao) — pedidos sem "porque" por perto
- **gatilhos_resumo**: {"orgulho": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":3}, "arquetipo": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "territorio": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":3}, "justaposicao": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":3}, "similaridade": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "oferta_previa": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":3}, "slogan_bordao": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "cta_transitorio": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":1}, "esperanca_ganho": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "historia_pessoal": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "credencial_verbal": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "familia_simbolica": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "prova_demonstracao": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "geografia_persuasiva": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":3}, "pergunta_canal_unico": {"contagem":1, "pct_lastro_real":0, "intensidade_media":1}, "porque_justificativa": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":1}, "depoimento_de_terceiro": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}, "priming_cromatico_simbolico": {"contagem":1, "pct_lastro_real":100, "intensidade_media":2}} (ok) — 18 gatilhos em 18 categorias
- **t_primeiro_pedido**: null (atencao) — sem pedido com timestamp
- **repeticao_promessa**: 0 (atencao) — promessa dita no máximo uma vez

legibilidade — Fácil (Flesch 91.8), frases de 5.4 palavras

- **ttr**: 0.657 (ok) — diversidade lexical típica

- **concretude:** 1 (ok) — discurso concreto, gera imagem mental
- **flesch_ptbr:** 91.8 (ok) — leitura fácil (alvo atingido)
- **frase_media:** 5.4 (ok) — frases curtas, processamento leve
- **densidade_jargao:** 0 (ok) — pouco jargão político-burocrático

direcionamento — razão eu/você 99; "você" 0/100 palavras

- **indice_nos:** 0 (atencao) — pouca construção de "nós"
- **razao_eu_voce:** 99 (alto) — acima de 2:1 — narrativa centrada no eu
- **densidade_voce:** 0 (alto) — discurso pouco direcionado ao "você"
- **razao_nos_eles:** "sem exogrupo citado" (ok) — nenhum exogrupo rotulado

Transcrição

Tem uma vaga pra mim aí, Francisco? Aí não. Ó aí, ó. Pode não ter sido rápido, mas vê a nota aí, ó. Tá aprovado? Aprovado. Vou jogar pra ali. Hoje o almoço aqui em Barreirinhas é DIFERENCIADO. É com a farinha aqui, ó, de Sobradinho, do Francisco, da Isabel, a MELHOR farinha de Barreirinhas, meu amigo! Tá garantido, Graziela! Ó aí, ó! Valeu! Vou botar no moio, meu amigo!

Ritmo de edição

Cortes: 5 · Cortes/min: 11.3 · Cena média: 4.4s

Gerado pelo Decodificador de Eficácia Comunicacional em 24/07/2026, 22:06:18